

## **OS ACONTECIMENTOS FRANCESES (MAIO DE 1968 E GREVE OPERÁRIA)\***

**Martin Glaberman\*\***

Esta fase da revolução na França chegou ao fim<sup>1</sup>. O relato e a análise dos eventos devem continuar. Mas certas coisas precisam ser esclarecidas:

1. A traição do Partido Comunista (assim como de todos os demais partidos e sindicatos), uma traição amplamente documentada, deve ser entendida pelo que é: uma crítica ao PC<sup>2</sup>, não à classe operária. Desde o início, quando ocuparam as fábricas em oposição aos seus líderes, até o fim, quando milhões se recusaram a votar nos comunistas ou em seus aliados, os trabalhadores deixaram claro que não eram controlados pela CGT<sup>3</sup> nem por qualquer outra organização. Os comunistas não tinham o poder de impedir os trabalhadores de levar a revolução até o fim.

2. Os operários não foram derrotados. O PC foi. O PC sofreu uma grande derrota na arena eleitoral. É óbvio que os operários não consideraram esse um palco sério para a luta e abandonaram o PC ao destino que merecia. O confronto fundamental de poder entre a classe operária e a nação, ao lado do governo, suas forças armadas e seus grupos paramilitares fascistas não aconteceu. Neste momento, não há como saber exatamente as suas razões. É possível que a ausência de uma cisão séria tenha contribuído para isso.

---

\* Publicado originalmente em *Speak Out*, jun./jul. de 1968. Tradução: Marcus Gomes.

\*\* Martin Glaberman (1918-2001), historiador norte-americano, professor e escritor. Escreveu sobre movimento operário e fez parte da tendência autonomista norte-americana Johnson-Forest.

<sup>1</sup> Trata-se das lutas estudantis que ficaram conhecidas como rebelião estudantil de maio de 1968 e das greves operárias de junho que lhe sucedeu (NT).

<sup>2</sup> O autor se refere ao Partido Comunista Francês, criticado pelos estudantes franceses durante o Maio de 1968 ao lado dos demais partidos por se opor ao movimento e suas práticas burocráticas e oportunistas e que tentou controlar o movimento estudantil e depois o movimento operário sem sucesso. De Gaulle inclusive afirmou que não era preciso se preocupar com a luta estudantil e operária, pois “os comunistas” os controlariam (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=T26TXTB0MQE>).(NT).

<sup>3</sup> Confederação Geral do Trabalho, central sindical ligada ao Partido Comunista Francês (NT).

A presença de uma divisão nas forças armadas pode ter indicado aos trabalhadores que cautela era necessária. Por outro lado, a existência de tal divisão poderia ter fornecido o impulso para continuar a luta. Em todo caso, tudo o que aconteceu foi que o acerto de contas final foi adiado.

3. Aqueles que criticaram os trabalhadores húngaros por aventureirismo, por não perceberem que não podiam derrotar os tanques russos, sem dúvida criticarão os trabalhadores franceses por "falta de consciência". É da alçada deles aconselhar a derrota e o pessimismo, e deixamos a eles a posse indiscutível de seu papel de vanguarda nesse campo.

4. A sociedade burguesa sofreu, não um golpe mortal, mas um golpe crítico. A vitória eleitoral de De Gaulle não deve cegar ninguém para o fato de que a batalha não foi eleitoral e que De Gaulle, seus herdeiros e sucessores perderam o controle de sua economia e de sua sociedade.

5. O que é crucial nas situações revolucionárias que continuarão a eclodir, na França e em outros lugares, é que o povo esteja ciente de que uma sociedade totalmente nova está emergindo, e não simplesmente um ataque à antiga. A organização marxista deve apresentar essa ideia, não apenas como teoricamente válida, mas como uma necessidade prática imediata, como instrumento para romper a unidade das forças armadas.